

FRANCANOS QUE BRILHAM LÁ FORA

Embora a maioria das cidades do interior seja pródiga em coisas do tipo, Franca é um ponto fora da curva. Se antes bastavam empresas que vendiam diploma de “Melhor loja de bugigangas” da cidade, o avanço de um tipo de cronista misturado com alpinista social como termômetro publicitário na mídia, atividade que começou lá nos anos 60, se transformou até antes da pandemia em dezenas de “festa disso”, “noite daquilo”, cada cronista inventa uma festa para chamar de sua e vender patrocínios. Até pensei em lançar um “convescote dos anacrônicos”, mas não houve adesão.

Fora os episódios anedóticos, como a premiação da melhor loja de baterias de carro da Avenida Brasil do lado par e outra do lado ímpar, pois havia duas lojas no tal prêmio, o jeitinho brasileiro sempre aparece para não deixar de faturar com a vaidade alheia. Lembro que uma dessas festas cafonas das “zelites” locais premiava os “francanos que brilham lá fora”, geralmente empresários bem-sucedidos de grana que voltavam à terra natal para rever amigos e parentes e, de quebra, levar uma “facadinha” no bolso pelo galardão.

Porém, descobri um francano que não ganhou nenhum título, embora tenha brilho incomum. Trata-se do fotógrafo Benedito Junqueira Duarte (Franca/1910 - São Paulo/1995), reconhecido como um dos principais fotógrafos do país. Segundo seu verbete no Itaú Cultural, foi iniciado na fotografia pelo tio, o célebre retratista José Ferreira Guimarães (um dos poucos agraciados com o título de Photographo da Casa Imperial), tendo se aperfeiçoado mais tarde no estúdio Reutlinger em Paris. Começou a trabalhar como retratista em São Paulo em 1929, passando a chefiar depois a Seção de Iconografia do recém-criado Departamento de Cultura da Prefeitura de São Paulo a convite de Mário de Andrade, no qual permaneceu até sua aposentadoria. Documentou as atividades do departamento e organizou o arquivo fotográfico relativo às obras da cidade, produzindo mais de 4.000 fotografias entre 1935 e 1951. Realizou ainda uma série de filmes sobre a cidade de São Paulo entre os anos de 1938 e 1945. Orientando-se para as aplicações científicas da fotografia, documentou o primeiro transplante de coração realizado na América Latina em 1968, pela equipe do Dr. Euríclides de Jesus Zerbini no Hospital das Clínicas de São Paulo.

Não consegui descobrir parentes dele na cidade, mas meu irmão Gonzaga deu a pista: é provável que tivesse algum parentesco com o jornalista francano Paulo Duarte, pois Benedito trabalhou no Estadão da família Mesquita à qual Paulo era ligado.

Em 2007, suas fotos de São Paulo foram reunidas em um livro de arte, “B.J. Duarte – Caçador de Imagens”, edição que se encontra esgotada, mas disponível em sebos. As imagens reunidas são maravilhosas, contam em imagens as profundas transformações da cidade de São Paulo e da metrópole que se tornaria entre 1930 e 1950. Benedito foi também um dos fundadores do segundo Clube de Cinema de São Paulo, que depois se transformou na Cinemateca Brasileira. Sugestão para os órgãos de cultura da cidade: organizar uma mostra do seu trabalho e a aquisição (e divulgação) do seu livro para o Museu da Imagem e do Som. Se é que ele ainda existe.

Mauro Ferreira é arquiteto